

• **LITERATURA**

HÉRACLES E ODISSEU: DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS DA HOSPITALIDADE GREGA

Luciene Lages Silva*

Resumo: Pretende-se discutir as regras que regem a hospitalidade grega e mostrar como a transgressão dessas normas, por Odisseu e Hércules, têm conseqüências diferentes para esses heróis.

Palavras-chave: Arco; hospitalidade; Athena.

Um dos elos entre Odisseu e Hércules, apontado na *Odisséia*, é o arco de Odisseu. No canto XXI do poema, encontramos referências a um mito antigo das aventuras de Hércules que foge ao ciclo dos doze trabalhos: o assassinato de Ífito, filho de Êurito. A alusão ao assassinato do flecheiro pelas mãos do filho de Zeus (v.27) é referida enquanto o poema explica a origem do arco de Odisseu. A arma foi oferecida a Odisseu como um presente, prova de respeito às leis da hospitalidade grega. A palavra grega para hospitalidade é *xenia*. Segundo Benveniste (1995, p.94), “a *xenia* posta sob a proteção de Zeus Xênios comporta a troca de dádivas entre os contratantes que declaram sua intenção de vincular seus descendentes por meio desse pacto”.

O *xénos* estaria ligado a esse pacto por meio de direitos e deveres que eram estabelecidos por ele mesmo ou que lhe chegavam de maneira hereditária. Benveniste chama a atenção para o episódio relatado na *Iliada* (VI, 120-236), em que Diomedes, ao perceber que seu pai e o pai do troiano Glauco estavam ligados pela *xenia*, propõe que ambos não lutem e que troquem suas armas. Tal episódio ilustra de maneira marcante a força dessa instituição na Grécia homérica, em que os interesses pessoais ultrapassavam os nacionais. O compromisso estabelecido entre as famílias precisava ser renovado de maneira constante para fazer jus ao contrato de reciprocidade.¹

No caso de Odisseu e Ífito, esse compromisso é firmado pela primeira vez quando se encontravam na casa de Ortiloco, em Messena. Odisseu era ainda bem jovem e fora enviado pelo pai e pelos conselheiros de Ítaca à cidade dos

* Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais, professora adjunta de Grego Clássico, Latim e Literatura Greco-latina da Univale.
E-mail: luciene@planetarium.com.br

¹ O chamado dom e contradom nem sempre se traduzia numa retribuição de igual valor, já que entre Diomedes e Glauco tal troca parece injusta, pois Diomedes troca bronze por ouro.

Missênios para reclamar uma dívida; Ífito se encontrava lá porque estava à procura de doze éguas desaparecidas (*Odisséia* XXI, 19-23). Nos versos seguintes, presenciemos a troca de presentes entre os jovens, de modo que Ífito oferece a Odisseu o arco de seu pai Êurito, e recebe de Odisseu uma lança e uma espada.² O fato de eles nunca terem se reunido à mesa um do outro foi consequência de uma atitude perversa de Hércules, pois Ífito, em sua busca, dirigiu-se ao palácio do filho de Zeus onde fora assassinado por este. Ífito respeita as regras da hospitalidade grega e, mesmo assim, morre pelas mãos de alguém que desconsiderou tais normas.

Interessante pensarmos que o arco doado como pacto da *xenia*, instituída entre Ífito e Odisseu, é o mesmo arco que trará a morte aos pretendentes, hóspedes no palácio em Ítaca. Odisseu desrespeita as mesmas regras que Hércules desrespeitou. Apesar disso, o resultado dessas ações não se traduz em má-fortuna para os dois heróis, pois Zeus pune Hércules e poupa Odisseu. Em *As traquínias*, conta-se que Ífito foi empurrado por Hércules do alto de uma torre em Tirinto, e que tal ação causa indignação em Zeus, que o envia para ser vendido como escravo. O herói se submete a servir Ônfale, rainha da Lídia.³

Parece-nos que a punição de Hércules não se restringe à escravidão, pois é Íole, irmã de Ífito, a escrava que causará insegurança a Dejanira e a fará enviar a túnica envenenada ao filho de Zeus, causando sua morte.⁴ É bem verdade que não foi a primeira vez que o filho de Zeus se portou indevidamente com relação a essas normas da *xenia*.⁵ Outro aspecto que não pode ser ignorado é o fato de que Ífito não causara nenhum dano ao filho de Zeus, e na *Odisséia* ficamos sabendo que Hércules, “depois desse crime, os cavalos houve por bem conservar, como coisa de seu patrimônio” (XXI, 29-30), ao passo que os pretendentes de Penélope consumiam os bens (*oikos*) de Odisseu.

Outro elo que nos permite uma aproximação entre Hércules e Odisseu é o fato de terem como protetora a mesma deusa. A presença de Atena no curso das ações desses dois heróis é notável. No caso do filho de Zeus, essa “união” estava profundamente arraigada na tradição.⁶ Não encontramos nenhuma referência quanto à influência da deusa no episódio de Ífito e de

2 Êurito era brilhante no manejo do arco, ao ponto de propor uma disputa a Apolo, que o priva da vida antes que aquele alcançasse a velhice (*Odisséia* VIII, 223-228).

3 Grimal (1990, p.337-8) aponta duas versões para a servidão do herói: uma, em que Ônfale impõe certas tarefas ao escravo, como libertar seu reino de bandidos e de monstros, e ao saber da paternidade de Hércules o desposa gerando um filho, Lamo, desta união; outra, em que ela teria se enamorado do filho de Zeus e passado o período do cativo vestida na pele de leão do herói e com a clava à mão, enquanto este fiava o linho aos pés da rainha, vestido com suas túnicas lídias. Veja-se também *As traquínias* vv.270-274. Na *Odisséia* (XXI, 32-34), encontramos referência à maneira como Ífito é assassinado, mas não há referência à servidão como punição.

4 Dejanira fora enganada pelo centauro Nesso, visto ter embebido a túnica num suposto filtro do amor. Morto pelas flechas de Hércules, a morte do centauro Nesso não é referida pelos poetas anteriores a Sófocles, mas este mito é bem explorado pela iconografia. Aparece num vaso funerário do

final do século VII a. C. (Museu Nacional de Atenas, n.1002).

5 Podemos citar, pelo menos, dois episódios: em *Alceste*, de Eurípides, Hércules foi recebido por Admeto e foi chamado pelo criado de “hóspede odioso” (v.749) pela sua embriaguez e comportamento indevido numa casa enlutada. No entanto, nessa tragédia o herói se redime lutando com Tânatos e resgatando a esposa de Admeto. Outro episódio marcante diz respeito à morte dos centauros, pois Hércules era hóspede de Folo e o convenceu de que bebessessem uma jarra de vinho que só poderia ser tocado por todos os centauros em conjunto. Atraídos pelo cheiro do vinho, os outros centauros enfurecidos iniciaram um combate; mesmo que seja de forma acidental, as flechas de Hércules causaram a morte não só de seu hospedeiro Folo, mas de Quíron (Cf. *As traquínias*, 1095 e s.; *Hércules*, 363 e s.; Grimal, 1990, p.403).

6 A iconografia explorou bastante esse tema; a quantidade de representações iconográficas do herói ao lado da deusa atesta tal fato, principalmente em vasos: 120 de figuras negras, dezessete de figuras vermelhas, dez vasos etruscos e um de relevos.

Ônfale. Na verdade, a interferência dos deuses se faz a partir da figura de Zeus, que como Zeus Xênios pune aqueles que desonram seus hóspedes.

Odisseu também comete tal falta e, nesse caso, não se trata de um assassinato, mas do assassinato de 108 nobres de Ítaca. Curiosamente, muitas das ações de Odisseu são engendradas e dirigidas por Atena, e o fim dos pretendentes não é uma exceção. Atena abre e fecha o poema. Logo nos primeiros versos do canto I, a deusa intercede por Odisseu, suplicando a Zeus e aos demais deuses que o filho de Laertes retorne a Ítaca (v.1-96), e é, também, a deusa que põe fim à contenda na assembléia dos parentes dos pretendentes. Segundo Finley (1972, p.74), “se Atena não tivesse intervindo para fechar o poema, tal como o tinha feito começar, nenhuma força humana teria podido impedir em Ítaca ainda mais efusões de sangue”.

A situação de Odisseu era extremamente delicada, mesmo que não tivesse assassinado os pretendentes, pois, após os vinte anos de ausência, ele não tinha garantias de que poderia manter o seu reinado, com tantos homens jovens desejando sua esposa e seu reino. Com certeza, Odisseu e Telêmaco poderiam ser mortos por um ou dois pretendentes, restando, ainda, mais de cem para assumir o seu lugar. No canto II, Leócrito adverte que se Odisseu retornasse à casa, ao deparar com os pretendentes banqueteados, “dificilmente haveria de a esposa saudosa alegrar-se; sim, morte indigna encontrara aqui mesmo o guerreiro solerte, se se medisse com muitos” (*Odisséia* II, 246-251).

O encontro de Odisseu e Agamênon no Hades serve como aviso ao herói, pois o Atrida faz várias advertências ao filho de Laertes para que retorne à pátria às escondidas e jamais às claras, “porque não podemos confiar nas mulheres” (*Odisséia* XI, 440-456). Ao contrário de Clitemnestra, Penélope era o modelo ideal da esposa leal, pois, se Odisseu era reconhecidamente o soberano de Ítaca, seu poder foi conservado e exercido por sua esposa. No final do poema, os pretendentes chegam ao Hades e o próprio Agamênon faz elogios a Penélope: “és venturoso, ó solerte Odisseu, de Laertes nascido, por teres tido esposa dotada de tanta virtude! Que coração bem formado possuía a prudente Penélope os deuses, por certo, hão de inspirar aos mortais inefáveis e eternas cantigas” (*Odisséia* XXIV, v.192-198).

O fim dos pretendentes é conduzido por Atena, visto que é ela quem incute em Penélope a proposição da prova do arco: “a de olhos glaucos, Atena, no entanto, desperta no peito da que nascera de Icário, a prudente e sensata Penélope, aos pretendentes propor o certame dos ferros e do arco, que ao morticínio, na sala do herói, o começo daria” (*Odisséia* XXI, 1-4). Um pouco antes, no canto XIX (v.570-582), Penélope pede segredo a Odisseu sobre esse certame, idéia resultante do sonho que tivera na noite anterior, ambos se recolhem e Odisseu tem o coração inquieto e agitado a revolver planos sobre como daria fim à vida dos pretendentes. Atena aparece ao seu lado e tenta acalmá-lo, Odisseu expõe sua inquietude, por não saber ainda como poderia enfrentar tantos homens ao mesmo tempo. A deusa o aconselha a repousar e garante que em breve Odisseu se veria livre dessa situação (*Odisséia* XX, 1-53).

Na prova do arco, Odisseu revela-se e, com a ajuda de Telêmaco, do porqueiro e do boiero, massacra todos os 108 pretendentes. Um combate

aparentemente desigual, no que diz respeito à quantidade de combatentes, mas aqui novamente a diferença está no auxílio da deusa que acompanhou a luta e, em certo momento, “levanta até o alto do teto a égide exterminadora, causando terror nos espíritos” (*Odisséia* XXII, 298-299).

Kitto afirma que “o pano de fundo divino do gênero épico significa, em última análise, que as ações particulares são, ao mesmo tempo, singulares e universais”. Quando os nobres de Ítaca se reúnem para exigir a vingança pelo massacre, o arauto Medonte, que, junto com o aedo, é poupado da carnificina, declara aos presentes que o ocorrido era vontade dos deuses, pois ele mesmo notou que um dos deuses olímpicos esteve ao lado de Odisseu, estimulando o herói a combater e, ao mesmo tempo, ameaçando os pretendentes que corriam desesperados (*Odisséia* XXIV, 443-449).

Enquanto os itacenses deliberam, Atena se preocupa com o destino de Odisseu e Telêmaco e questiona ao pai Zeus se haveria mais uma batalha ou a paz, e, na resposta de Zeus, fica claro que Ulisses não poderia ser responsabilizado completamente por suas ações, ou melhor, Odisseu desrespeita seus hóspedes, mas sua vingança sempre foi estimulada por sua protetora:

Filha, por que essa pergunta me fazes e assim me interrogas? Não foste tu que, por própria deliberação, resolveste que, ao retornar, Odisseu deles todos vingança tomasse? Faze o que bem te aprouver; vou dizer-te o que julgo mais certo. Já que o divino Odisseu conseguiu dos intrusos vingar-se, forme-se um pacto entre todos, e seja ele o rei para sempre. (Odisséia XXIV, 478-484)

Héracles não tem a mesma sorte, pois, mesmo depois de servir Ônfale como escravo, sua morte está ligada, ainda, ao assassinato de Ífito. Sófocles explora bastante esse episódio na construção de *As traquínias*, pois, no início do prólogo, Dejanira afirma que ela e Hilo, seu filho, encontram-se em Tráquis exilados por causa desse crime de Héracles. Ficamos sabendo pelo arauto Licas que Héracles havia destruído a cidade de Êurito (v.244-245), e breve chegaria ao palácio, findo os sacrifícios que oferecia a Zeus, como agradecimento pela sua vitória (vv.286-287).

Dejanira envia a túnica envenenada ao herói, que a usa, ao proceder aos rituais sagrados; a túnica fica totalmente colada a seu corpo, aderindo à sua pele e membros. Consumido pela dor, o herói chega a implorar a Zeus que o fulmine com um raio (vv.1085-1086).

O próprio filho de Zeus se queixa de seu final infeliz, pois a grandiosidade dos feitos do herói é contrastada com uma morte considerada quase vergonhosa:

E tudo isto não foi obra de uma lança em batalha campal, nem de lutas com os Gigantes, nascidos da terra, nem da violência de uma fera, nem de grego, nem de bárbaro, ou de quaisquer outros cuja terra eu expurguei. Mas foi uma mulher, uma criatura frágil – e não o vigor de um homem –, uma mulher, apenas ela, quem me matou sem espada! (v.1056-1064)

Apesar de Sófocles explorar durante toda a peça a paternidade divina de Héracles, não compartilha da versão de uma apoteose do herói. Não há

promessas da conquista da imortalidade, não há referência alguma à divinização do filho de Zeus. Hércules, como qualquer mortal, deve se submeter às leis da finitude humana e descer ao Hades. Na tragédia, o filho de Zeus faz que Hilo prometa que o transportará para o monte Eta, e, depois de preparar seu corpo na pira, pegará numa tocha ardente de pinheiro e ateará fogo “e que não haja lágrimas nem pranto” (v.1200). Caso o filho não o atendesse, ele jura esperá-lo nos Infernos e atormentá-lo numa maldição eterna.⁷ A descida ao Hades já havia sido explorada na *Odisséia*, quando Odisseu se encontrava lá; dentre muitos heróis com que deparou estava o filho de Zeus:

Hércules vi, depois deles, dotado de força enormíssima, isto é, somente sua sombra; ele próprio entre os deuses eternos frui mil delícias, tendo Hebe a seu lado, de pés bem torneados, filha de Zeus potentíssimo e de Hera, a de áureas sandálias. Em torno dele se via o alarido dos mortos, qual de aves que se dispersam com susto; ele, à noite de trevas semelho, o arco desnudo na mão, e na corda, uma seta disposta, olha terrível em volta, com gesto de pronto disparo. (Odisséia XI, 601-608)

Entre a *Iliada* e a *Odisséia* há uma divergência no que diz respeito à divinização do herói, pois, na *Iliada* (XVIII, 117-119), Hércules simplesmente morre e não há menção de sua subida aos céus. A divinização do herói foi repudiada pelos críticos antigos como sendo uma interpolação do século VI a. C. Kirk (1984, p.145) afirma que, nesse trecho da *Odisséia*, “sua sombra” e “a de áureas sandálias” são consideradas interpolações tardias, numa tentativa de encaixar uma certa contradição: um Hércules que, como todo mortal, não escapou ao Hades, e um Hércules divino que conquistou a imortalidade e o direito de viver entre os deuses do Olimpo. De qualquer maneira, também é fato que no século VI a idéia de um Hércules *theós* já estava bastante difundida e registrada na literatura e na iconografia.

Mesmo que privilegiemos a versão em que o herói sobe ao Olimpo e recebe Hebe como esposa, não deixa de ser estranha essa morte vergonhosa. Em muitos momentos das aventuras de Hércules, Atena o auxilia por meio de orientações e até da força, como acontece no jardim das Hespérides, em que a deusa o ajuda a sustentar o globo terrestre. Contudo, não há menção da presença da deusa no que se refere à morte de Hércules, quase como se ela o tivesse abandonado à própria sorte.

O pai dos deuses, que tem entre outros epítetos o de Zeus Xênios, parece abrir uma exceção para o filho de Laertes, talvez porque Odisseu fosse hóspede em seu próprio palácio e o comportamento dos pretendentes fosse reprovável não só com relação à degradação do patrimônio de Odisseu, mas, também, com relação ao tratamento que esses nobres itacenses davam a outros hóspedes, já que, no festim dos pretendentes (canto XX), Odisseu, ainda disfarçado de mendigo, foi maltratado e insultado por aqueles. De qualquer modo, Odisseu não é punido e tem seu reino assegurado.

⁷ Segundo a tradição, será Filoctetes quem colocará fogo na pira. O próprio Sófocles aproveitará essa versão na composição da tragédia *Filoctetes*.

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, E. *O vocabulário das instituições indo-européias*. Trad. Denise Bottman. Campinas: Unicamp, 1995.
- CUNLIFFE, R. J. *A Lexicon of the Homeric Dialect*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1988.
- EURIPIDES. *Heracles*. Trad., introd. e comentários G. W. Bond. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- HOMERO. *The Iliad*. Trad. A. T. Murray. 2.ed. London: Harvard University Press, 1988. v.2.
- _____. *The Odyssey*. Trad. A. T. Murray. 2.ed. London: Harvard University Press, 1995. v.2.
- _____. *Odisséia*. Trad. C. A. Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s. d.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. V. Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FINLEY, M. I. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1972.
- KIRK, G. S. *La naturaleza de los mitos griegos*. Trad. B. M. de Maragall e P. Carranza. Barcelona: Argos Vergar, 1984.
- KITTO, H. D. F. *Os gregos*. Trad. J. M. C. e Castro. Coimbra: Arménio Amado, 1980.
- SÓFOCLES. *As traquínias*. Trad. Maria do Céu Zambujo Fialho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

SILVA, L. L. Heracles and Odysseus: two strengths in the Greek hospitality. *Todas as Letras (São Paulo)*, n.6, p.19-24, 2004.

Abstract: *This essay intends to discuss the rules that conduct the greek hospitality and show how the transgression of these rules by Ulysses and Heracles have different effects according to these heroes.*

Keywords: *Arch; hospitality; Athena.*